Universidade Estadual "Júlio de Mesquita Filho"

Faculdade de Letras

Campus – Assis

Projeto PIBIC/CNPq 2013-2014

Diálogos entre gêneros discursivos: princípios de análises intergenéricas

Luciane de Paula

Assis

2013

Introdução

Este projeto se constitui como uma pesquisa de natureza qualitativa com caráter interpretativista analítico-descritivo. O seu caráter multidisciplinar contempla teorias e análises díspares ao se voltar para a organização dos elementos linguísticos e translinguísticos dos gêneros discursivos postos em diálogos, em consonância com as concepções dos estudos do Círculo Bakhtin, Medvedev e Volochinov.

Os estudos dos gêneros, em suas vertentes textual e discursiva, e sob vários pontos de vista, têm assumido crescentemente a posição de que o gênero é o elemento organizador dos estudos da linguagem. Essa tendência, se, por um lado, traz o benefício de mostrar que o texto é antes uma "unidade de produção de sentidos" do que o produto acabado de um ato de linguagem e que o discurso é uma instância em que se estabelecem relações entre locutores e interlocutores, destinadores e destinatários ou protagonistas de uma relação social via linguagem, por outro, tem permitido que, em nome de estudos de gênero, se privilegiem ora as célebres intenções comunicativas, ora os segmentos textuais ou a coesão e a coerência, ora ainda os contextos ou mesmo as esferas de atividade, bem como a presença, em geral, textualmente explícita, de textos/discursos/gêneros em outros textos/discursos/gêneros, porém, raramente, esses aspectos são considerados como elementos constitutivos da arquitetônica do gênero, vinculada com o recorte do mundo e com suas respectivas relações de interlocução, ou seja, as formas típicas de realização do projeto enunciativo do gênero discursivo.

A fundamentação deste projeto considera os diálogos entre gêneros como parte integrante de sua arquitetônica. Por isso, a proposta aqui presente: de pesquisar alguns diálogos entre gêneros discursivos distintos como princípio da concepção de intergenericidade, ao considerar a interdiscursividade e a intertextualidade como elementos composicionais da arquitetônica dos gêneros discursivos. Para compreender alguns princípios da intergenericidade, esta proposta parte dos aspectos lingüísticos (textuais) dos gêneros, a fim de compreender sua translinguística (enunciação).

A intergenericidade é compreendida aqui como interlocutiva, bem como fundada, primordialmente, na interdiscursividade e na intertextualidade; tentativa de aprofundar a relação entre textualidades e discursividades, formas arquitetônicas e composicionais de diferentes gêneros em interação viva nas esferas de atividades. Logo, a intergenericidade refere-se à mobilização entre gêneros (de um gênero para outros ou de vários gêneros que dialogam entre si, incorporados e incorporantes de parte de características de diversos outros. O "eu" que se constitui a partir do "outro", mas diferentemente dele e não em simbiose total para fins de realização de seu projeto enunciativo típico. Essa é uma relação dinâmica, um processo e não um produto acabado. Ora, se os gêneros são entendidos como "relativamente estáveis", ou seja, estáveis e dinâmicos, esses processos de formação de gêneros compõem a constituição contínua dos gêneros relativamente cristalizados e, ao mesmo tempo, em formação. Trata-se da continuidade descontínua e da descontinuidade contínua, ou seja, da linguagem em seu sentido amplo, tal qual o compreende o Círculo de Bakhtin.

Em outras palavras, o conceito de intergenericidade procura descrever a instância constitutiva da formação dos gêneros, que surgem de gêneros existentes, ainda que se proponham a alterá-los, subvertê-los ou mesmo substituí-los, e o conceito de parasitarismo procura descrever a dinâmica de organização de elementos lingüísticos e translinguísticos das relações intergenéricas no processo de formação dos gêneros.

Intertextualidade, interdiscursividade e intergenericidade são instâncias constitutivas dos discursos. A primeira designa a presença de marcas de um dado texto num outro. A segunda remete a situações enunciativas que se apresentam no interior de

outras. Como as situações enunciativas se materializam em enunciados, Fiorin (2006) afirma que "todo intertexto é um interdiscurso, mas nem todo interdiscurso é um intertexto". A terceira se refere a cristalizações relativamente estáveis de situações enunciativas no âmbito das esferas de atividade, ou seja, à organização das discursividades segundo recortes sócio-históricos específicos do mundo humano.

O projeto enunciativo de criação de unidades de sentido, fundado nas possibilidades das interações entre sujeitos específicos que advêm das especificidades das esferas de atividade, são assim a base da formação, desenvolvimento e consolidação dos gêneros. Estes se realizam em discursividades e estas têm por material os textos, entendidos como textualidades (ou formas de textualização).

Uma análise de gênero pressupõe o texto, mas não se restringe a seus segmentos, pois estes só se organizam em discurso. Assim, gênero discursivo envolve texto e discurso. Lembramos, por fim, que um dado gênero pode convocar outros gêneros (por vezes com suas respectivas textualizações) e nem por isso deixa de ser o gênero que é, ainda que não mais seja o "mesmo" gênero. Afinal, como permite dizer Medvedev (1994), o gênero é um recorte do mundo plasmador de forma e, como disse Bakhtin (2003), um mesmo enunciado (ou uma mesma forma de textualização), ao ser repetido, até pelo próprio sujeito que o disse antes, já não é o mesmo enunciado – da mesma maneira como o rio que corre nunca é o mesmo rio.

Assim, estudar os gêneros significa buscar uma maneira que combine coerentemente *discursivização* (os textos vistos em situação) e *textualização* (os discursos do ponto de vista de sua estruturação textual), sem cair em correspondências espúrias texto-situação nem hipertrofiar quer a textualização ou a discursivização.

O estudo das formas de incorporação de diferentes genericidades pode contribuir para o entendimento da formação de gêneros a partir de, por exemplo, "fragmentos" de gêneros, como diz Bakhtin, bem como para esclarecer de que maneira os gêneros, ao incorporar outros gêneros, propõem contratos fiduciários ao público em geral e específico, validam seu *direito de dizer* e promovem a criação de comunidades discursivas. A ênfase na intergenericidade, dada sua amplitude, permite cobrir igualmente a interdiscursividade, ou a presença de discursos de outras esferas na forma de um determinado gênero discursivo específico, bem como a intertextualidade ou a presença de outros textos na composição de determinado texto, o que abarca texto, discurso e gênero. Por isso, esta proposta tem como ponto relevante a possibilidade de desenvolver e/ou aprimorar, a partir do estudo das formas de incorporação de relações interlocutivas de gêneros, formas de análise discursiva das relações intergenéricas em geral, podendo permitir não só a compreensão de formas de incorporação de gêneros em outros gêneros como a análise mais específica da intergenericidade em termos discursivos (e não apenas textuais e/ou narrativos ou segmentais) – em gêneros tanto em formação como consolidados.

Objetivos

Objetivo Geral

. Examinar as discursividades distintas que se manifestam em textualidades mais ou menos típicas, ao considerar as discursividades e textualidades que nos textos/discursos a serem analisados se fazem presentes como constituição intergenérica.

Objetivos Específicos

. Analisar elementos linguísticos e translinguísticos da intergenericidade de determinado gênero, discurso e texto, e de que maneira ela se faz dialogicamente constitutiva;

. Descrever a esfera de atividade em que se situa o gênero que mobiliza o texto a ser analisado, a fim de descrever sua forma de realização num dado momento histórico;
. Partir do particular (o texto) para o geral (o discurso), ou seja, das marcas que a enunciação deixa nos enunciados; e do geral (o contexto em sentido amplo) para o particular (a inserção do texto num dado contexto), a fim de dar conta do fato de que o extradiscursivo só existe no discurso intradiscursivizado.

Metodologia

Como não há uma metodologia consolidada de análise do gênero discursivo ou uma proposta que enfatize o aspecto arquitetônico de construção do discurso, este projeto propõe uma pesquisa qualitativa com caráter analítico, composta, com base em Beth Brait, pelas etapas que se seguem, numa seqüência de aumento de amplitude – nesse sentido, a última é o levantamento geral do exame realizado.

A primeira etapa é a *descrição* do objeto, que vai do material que lhe serve de suporte físico à sua "aparência" geral, e inclui um levantamento sumário dos elementos essenciais de sua esfera, tal como manifestos no texto; a segunda é a *análise* discursiva do *corpus*, que apresenta seus vários procedimentos discursivos; a terceira é a *interpretação* propriamente dita, que busca identificar, dadas a esfera, a materialidade e os recursos discursivos e textuais do *corpus*, que efeitos de sentido são nele criados. Essa seqüência de etapas marca o momento em que o analista tem diante de si o objeto. Segui-las é um procedimento metodológico que tem dado bons frutos. Não obstante, isso não quer dizer que a *apresentação* do exame do objeto vá seguir necessariamente essa seqüência ou tenha de mostrar necessariamente resultados de cada uma delas.

A etapa interpretativa está vinculada mais estritamente com o procedimento de junção entre o textual, o discursivo e o genérico, pois é nela que fica demonstrada como a concepção da especificidade da abordagem bakhtiniana do gênero, do discurso e do texto, nos termos aqui propostos, a torna distinta de outras propostas de análise.

Quando se descreve os elementos de um exemplar de gênero, aborda-se as inter-relações entre seus elementos e identifica-se os efeitos de sentido nele produzidos, sempre em termos da intradiscursividade do objeto, que remete à interdiscursividade e constitui a porta de acesso a ela. Assim agindo, seguem-se implicitamente essas etapas, numa seqüência por assim dizer "natural". A ênfase é a interseção, necessária e positiva, entre essas etapas, dado que o olhar do analista não consegue fixar-se estritamente num dado "ponto" do *corpus*, e, mais do que isso, deve, necessariamente, a fim de preservar a unidade do discurso, ter presente os vários aspectos que o constituem, à luz do universo de sua discursividade e genericidade.

Cronograma de Execução

O cronograma geral do projeto RDPIDP da docente (*A intergenericidade da canção*), prevê três (3) anos de pesquisa com muitas ações, visíveis abaixo:

ETAPAS	2011	2012	2013	2014
	Ano todo	Ano todo	Ano Todo	Ano Todo
Fundamentação teórica				
Pesquisa contextual				
Levantamento de corpora				
Análise do corpus delimitado				
Análise dos resultados				
Relatório Trienal				

Participação em eventos				
Orientações				
Coordenação e Atividades GED				
Divulgação de resultados obtidos				

O plano geral de trabalho deste projeto (parte integrante do projeto supracitado) será desenvolvido, conforme prevê o edital PIBIC/CNPq, no período de doze (12) meses – podendo ser renovado, dada a sua dimensão.

Plano de Atividades do Aluno

Seguindo a pesquisa principal à qual o plano de atividades do aluno se vincula, a proposta é a de refletir sobre o conceito de intergenericidade como construção típica da contemporaneidade, a fim de fortalecer, por meio do tratamento de um *corpus* específico, a (re)constituição das amarras entre as noções de diálogo, gênero, arquitetônica, estética, autoria, sujeito e estilo. Trata-se de refletir sobre a operacionalidade e produtividade das concepções analisadas (pedidas pelo *corpus* pesquisado) como um conjunto de noções que compõem procedimentos de análise. De acordo com a teoria bakhtiniana, os gêneros são divididos em três componentes: a forma (disposição e tipo textual), o conteúdo (tema abordado) e o estilo (características individuais do autor-criador). O intuito dessa pesquisa é identificar as marcas autorais de Marisa Monte em sua produção, suas influências na produção dos "Tribalistas" (composto por Arnaldo Antunes, Marisa Monte e Carlinhos Brown), assim como a influência dos "Tribalistas" em sua produção. A hipótese deste trabalho é a de que existe um diálogo expressivo de Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown na produção discursiva de Marisa Monte e vice-versa. As canções elencadas como *corpus* serão as mesmas, vistas de maneira aprofundada ["Beija eu" (Marisa Monte, Arnaldo Antunes e Arto Lindsay – 1991), "Bem Leve" (Marisa Monte e Arnaldo Antunes – 1993), "Amor *I love you*" (Carlinhos Brown e Marisa Monte – 1999), "Infinito Particular" (Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown e Marisa Monte – 2006), "Vilarejo" (Marisa Monte, Pedro Baby, Carlinhos Brown e Arnaldo Antunes – 2006), "Água também é mar" (Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown e Marisa Monte – 1999), "Bonde do Dom" (Marisa Monte, Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown – 2003) e "Ainda Bem" (Arnaldo Antunes e Marisa Monte - 2011)], bem como serão incorporadas outras canções ["Na estrada" (Marisa Monte, Nando Reis e Carlinhos Brown – 1993), "Não é fácil" (Marisa Monte, Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown – 1999), "Universo ao meu redor" (Marisa Monte, Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown – 2005), "O rio" (Seu Jorge, Carlinhos Brown, Arnaldo Antunes e Marisa Monte – 2006), "Até Parece" (Marisa Monte, Dadi, Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown – 2006), "O que você quer saber de verdade" (Marisa Monte, Carlinhos Brown e Arnaldo Antunes – 2011) e "Verdade, uma ilusão" (Carlinhos Brown, Arnaldo Antunes e Marisa Monte – 2011)], a fim de que confirmem os resultados iniciais de que o corpus possui marcas características da produção artística de Marisa Monte e marcas adquiridas na relação com Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown. No transcorrer da elaboração da pesquisa do aluno até o presente momento, o *corpus* demonstra uma autoria dialógica entre os cantores-compositores e ainda que essas construções interautorais são intensificadas gradualmente. Daqui para frente, em análises posteriores, as canções elencadas para a pesquisa servirão de base para confirmar tal hipótese.

Para facilitar a visualização do Plano de Atividades da aluna dentro da pesquisa proposta neste projeto, segue o cronograma:

ETAPAS	2	0	1	3				2	0	1	4	
	A	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J	J
Fundamentação teórica												
Pesquisa contextual												
Relatório Parcial												
Análise do *corpus*												
Análise dos resultados												
Relatório Final												
Participação em eventos												
Participação GED												
Reuniões de orientação												

Bibliografia

BAKHTIN, M.M. (VOLOCHINOV) (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem.* São Paulo: Hucitec, 1992.

___. *Discurso na vida e discurso na arte*. Tradução: Carlos Aberto Faraco. Texto de circulação restrita para fins acadêmicos. Mimeo. Sem referências.

BAKHTIN, M. M. *Problemas da Poética de Dostoievski*. São Paulo: Forense, 1997.

___. (1920-1974). *Estética da Criação Verbal*. (Edição traduzida a partir do russo). São Paulo: Martins Fontes, 2003.

___. (1975). *Questões de Literatura e de Estética*. São Paulo: UNESP, 1993.

___. *Freudismo*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

___. (1920-1924) *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.

___. *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.

BAKHTIN, M. M. (MEDVIEDEV). *Método formal nos estudos literários*. São Paulo: Contexto, 2012.

BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 2001.

___. (Org.). *Bakhtin*: Conceitos-Chave. São Paulo: Contexto, 2005.

___. (Org.). *Bakhtin*: Outros Conceitos-Chave. São Paulo: Contexto, 2007.

___. (Org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.

___. (Org.). *Bakhtin* – Dialogismo e Polifonia. São Paulo: Contexto, 2009.

FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo*: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar, 2003.

FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. *In* BRAIT, B. (org.). *Bakhtin* – outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

FREITAS, M. T. A; Jobim e Souza, S. e Kramer, S. (Orgs.) *Ciências Humanas e Pesquisa* – Leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003.

MACHADO, I. A. *O romance e a voz* – A prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Imago/FAPESP, 1995.

PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). "Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável". Volume 1, *Bakhtin – Inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

___. "Círculo e Bakhtin: diálogos in possíveis". Volume 2, *Bakhtin – Inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

___. "Círculo de Bakhtin: pensamento interativo". Volume 3, *Bakhtin – Inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

PONZIO, A. *A revolução bakhtiniana*. São Paulo: Contexto, 2008.